A GEOGRAFIA SAINDO DA SALA DE AULA PARA O MUNDO

Ana Delise Claich Cassol/Secretaria Municipal de Educação de Passo Fundo (SME/PF)
anadelise@bol.com.br

INTRODUÇÃO

A Geografia é uma ciência muito importante, pois permite ao homem compreender melhor o planeta em que vive. Jamais poderá ser uma disciplina estanque. A falta de atenção e de disponibilidade no aprendizado fez repensar minhas práticas dentro da sala de aula. Fez ver que o tédio de uma aula está justamente na falta de oportunidade em aprender. Esta oportunidade somente será oferecida pelo professor.

Partindo destes pressupostos comecei a diversificar minhas técnicas metodológicas. As práticas pedagógicas foram substituídas com vários recursos pedagógicos como: trabalho de campo, aulas na cozinha, no riacho, no mato, sentados no gramado, recriando ambientes, criando espaços de novidades e curiosidades. O espaço usado nas aulas eram sugestões dos educandos.

É importante lembrar do trabalho coletivo, no qual a família foi convidada a ajudar em certas atividades com coleta de materiais e sucatas, contribuição com ingredientes para realização das práticas culinárias. Assim, indiretamente, os pais interagiam com a classe.

Castrogiovanni (1998) acredita na importância e mesmo na necessidade de uma educação voltada para a cidadania, considerando, assim, os valores e os padrões culturais da vida e de aprendizagem dos grupos sociais. Segundo o mesmo autor, é pela educação que tais sociedades podem expressar sua cultura, seu saber e defendê-los a fim de impedir a massificação e a globalização de outros valores tidos como certos e universais.

Estamos numa era em que o livro didático deve ser um coadjuvante na aprendizagem. Não podemos de forma alguma nos apegar as leituras e figuras, no

momento em que o mundo lá fora gira de forma rápida. Devemos fazer com que nosso educando vivencie algumas práticas para ter uma noção geográfica do mundo. Só poderá ter uma noção sócio-político-cultural e econômico o educando que souber, literalmente ou por lógica, o físico racional geográfico. Por ser uma educadora um tanto polêmica acredito que a educação escolar somente será validada no momento em que todos os componentes de uma comunidade escolar souberem o que fazem no mundo e o que é o mundo pra ele.

Não podemos deixar nossas crianças crescerem não sabendo o básico geográfico. E só haverá a verdadeira educação quando nos livrarmos das "amarras" tradicionais e investirmos numa educação que busca, que experimenta, que faz, transforma e conclui.

Assim teremos verdadeiros sujeitos transformadores do meio em que vivem e cidadãos comprometidos com a sua rua, seu bairro, seu município, pais e o mundo que habita.

A REALIDADE DO ENTORNO ESCOLAR

Vivemos em uma sociedade baseada nos preceitos do modelo econômico neoliberal, com deficiências nas áreas de infra-estrutura, de educação, de moradia, de lazer e de saúde formando um grande número de brasileiros que vivem a margem da sociedade, aviventes abaixo da linha da miserabilidade, gerado pelas desigualdades, pela desqualificação profissional, pelo desvirtuamento dos valores sociais, onde a prostituição, a droga e a marginalização são, muitas vezes, o "escape" de sobrevivência, quando a miserabilidade toma conta dos cinturões das cidades.

É, exatamente, neste contexto, que se encontra a Comunidade da Vila Jardim, onde a Escola Municipal de Ensino Fundamental Antonino Xavier está situada.

A infraestrutura da comunidade é precária com ausência de rede de esgoto, falta de planejamento nas construções, canalizações de água e rede elétrica insuficiente, além das poucas condições de habitação de um grande número de moradores.

Uma grande parcela da comunidade possui trabalho formal, mas, em média, uma pessoa de cada família possui emprego, os demais trabalham na informalidade, através de "biscates" e trabalhos temporários. Ultimamente, tem se notado um numero

crescente de coletores de papeis e sucatas. A soma da renda familiar fica em torno de um salário mínimo e meio, e algumas famílias sobrevivem com o auxílio federal (bolsa família).

O maior problema detectado na comunidade é a falta de segurança e a violência. Partindo desta realidade, imagino como será a interpretarão de meus educandos momento que atuo em uma escola de periferia, onde existem os mais variados sujeitos. Onde a violência, a prostituição, a fome, a miséria e a falta de conhecimento do mundo é característica marcante na vida de cada um. Onde o educando vem para a escola porque tem, diariamente, a merenda escolar. Perturba-me a duvida de como ensinar Geografia em um mundo tão real e fora da realidade mundial de meus alunos. Existem educandos que nunca saíram de seu bairro, então de que forma entender o mundo? E continuamos insistindo, na maioria das vezes, em uma disciplina decorativa com utilização, apenas, de livros didáticos. Como posso fazer com que meu aluno sinta-se sujeito do mundo? Como posso fazer meu educando sentir-se responsável por tudo o que o rodeia se não vive a realidade e a pratica fora de sala de aula. Segundo Santos e Kahil (2007) "é no espaço geográfico que os processos sociais ocorrem e através de seu estudo que o aluno compreende a dinâmica dos lugares, já que o lugar não está sozinho, mas é reflexo de um todo". As transformações políticas, sociais, econômicas e culturais articulam-se no lugar, resultando suas particularidades.

PRÁTICA PEDAGÓGICA: O Fazer Diferente

As práticas pedagógicas foram substituídas com muitas experiências, trabalho de campo, aulas na cozinha, no riacho, no mato, sentados no gramado, recriando ambientes, criando espaços de novidades e curiosidades.

Dessa maneira, Freire (1997) nos traz essa reflexão:

> Como é que pode uma professora que se pensa democrática não dar ouvido à fala do diferente? Quer dizer, você discrimina o diferente só porque ele é diferente de você. Então, aprender a escutar o diferente, a cultura diferente, aprender a valorizar o diferente de nós é absolutamente fundamental para o exercício da autonomia. Quer dizer, a professora que fecha seus ouvidos à dor, à indecisão, à angústia, à curiosidade do diferente é a professora

que mata no diferente a possibilidade de ser. (Paulo Freire-entrevista para a série *Projeto Político-Pedagógico da escola*, 1997)

Prática e Teoria: Experiências Vividas – Transversalidade e Interdisciplinaridade em Geografia

Estamos constantemente falando em transversalidade na Geografia. O que seria temas transversais em uma disciplina que usa de todos os temas regionais, nacionais e mundiais para se tornar completa. Não fazemos geografia isolada, temos a ajuda direta ou indiretamente de conteúdos que a torna mais rica ou mais completa.

Dentro do contexto do ensino de geografia, é fácil pensar em temas de interesse sócio-cultural que podem ser trabalhados de forma transversal como: meio ambiente, cultura, atmosfera, hidrosfera, segurança pública, política, entre outras. São temas, certamente, relevantes quando o assunto é formação cidadã, e todos eles podem ser trabalhados juntamente com outras disciplinas escolares. Podemos tomar, como exemplo, o tema meio ambiente, que pode ser desenvolvido por, praticamente, todas as disciplinas. Outro exemplo é a atmosfera, podendo ser abordada tanto pela Geografia, como, pela Física, pela Biologia, pela Matemática e outras. Ou mesmo, a cultura que pode ser abordada por disciplinas como Português e História, além da Geografia.

Então, Moreno in Busquets et al. (200) apud Bovo (2009) salienta que os professores ao programarem suas aulas precisam desenvolver técnicas e procedimentos didáticos que permitam levar à aprendizagem, "(...) se os temas transversais forem tomados como fios condutores dos trabalhos da aula, as matérias curriculares girarão em torno deles, desta forma transformar-se-ão em valiosos instrumentos que permitirão desenvolver uma série de atividades".

Neste contexto a interdisciplinaridade pretende garantir a construção de conhecimentos que rompam as fronteiras entre as disciplinas, buscando envolvimento, compromisso, reciprocidade diante dos conhecimentos, ou seja, atitudes e condutas interdisciplinares. Este seria o objetivo comum da interdisciplinaridade, mas temos um caminho muito grande a percorrer, pois sabemos que de fato isso não ocorre nas escolas, pois isso pressupõe

educadores imbuídos de um verdadeiro espírito crítico, aberto para a cooperação, o intercâmbio entre as diferentes disciplinas, o constante questionamento ao saber arbitrário e desvinculado da realidade.

A interdisciplinaridade é definida nos PCNs como a dimensão que "(...) questiona a segmentação entre os diferentes campos do conhecimento produzida por uma abordagem que não leva em conta a interrelação e a influência entre eles, questiona a visão compartimentada (disciplinar) da realidade sobre a qual a escola, tal como é conhecida, historicamente se constituiu" (BRASIL, 1998, p. 30).

Define, também, a transversalidade como a "possibilidade de se estabelecer, na prática educativa uma relação entre aprender conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real e de sua transformação (aprender a realidade da realidade)" (BRASIL, 1998, p. 30).

Nesse contexto, imbuída de mudança na minha prática cotidiana busquei apoio nos recursos didáticos existentes para fazer a diferença nas minhas aulas, que agora, comento, resumidamente, cada um.

Trabalho de Campo

O trabalho de campo utiliza a metodologia do empirismo para obter seus resultados, partindo da observação que se percebe a principal contribuição do trabalho de campo no estudo da Geografia: a consciência de que tudo é formado a partir da relação de interdependência entre os organismos.

Desta forma, a Geografia deixa de ser vista como uma disciplina pré-determinada e estanque, que se preocupa somente em descrever as formas do relevo, os nomes de rios e etc. E sim, como uma forma de se entender as influências que o relevo de certa região tem sobre uma determinada sociedade ou a importância de determinado curso d'água para uma população.

Portanto, o trabalho de campo, além de facilitar a visualização, observação e assimilação de conceitos expostos de forma didática, nos fortalece a idéia de que o seu estudo é muito importante para o entendimento de vários fatores sociais além de conceber de forma mais ampla, como um instrumento de análise geográfica que permite

o educando reconhecer, palpavelmente, o objeto estudado, partindo de investigações reais.

A partir do prático faz com que o educando, após as observações, pense como devemos, a partir daquele momento, mudar nossa concepção e tratamento do que está sendo explorado.

Este explorar/descobrir realizado pelo educando faz com que o ser crítico desperte e construa seus conhecimentos.

Aulas na Cozinha

A sala de aula não pode ser o limite da Geografia, nem para o professor, muito menos ao educando. O mundo que queremos mostrar é o do lado de fora de quatro paredes. É o concreto, é o real, partindo do seu meio, da sua realidade. Didaticamente, é muito bonito falar em falar em "realidade do aluno" e continuar enquadrada em uma sala de aula e falar do mundo. Que mundo? Aquele que meu educando conhece? Sua vila, sua rua e quando muito o centro da cidade.

A busca pelo meio que o educando conhece é uma maneira de motivá-lo a sair do marasmo e a identificar a Geografia como canal de construção de conhecimentos. A cozinha é um referencial.. Quando fomos trabalhar produtos primários, secundários e terciários, os alunos foram divididos para trazer ingredientes para fazermos na cozinha da escola bolo frito.

Esta atividade foi uma das mais divertidas e com resultados positivos. Pois os educandos trouxeram os ingredientes, prepararam, junto com a professora e merendeira, a massa do bolo, as cozinheiras fritaram os bolinhos. Todos comeram e foram para sala de aula repassar a receita.

A partir deste momento o conteúdo: "Os Setores da Produção" tiveram outra visão, outro enfoque e uma maneira mais crítica e real de construção de conhecimentos (Figura 1)

1 – Desenvolvimento de aula prática na cozinha da escola (bolo frito).

Figura 2 – Desenvolvimento de aula prática na cozinha da escola (pães).

Aulas no Mato - Sentados no Gramado

A utilização do livro didático é marca do ensino tradicional, pois este era produzido e utilizado de acordo com o interesse das classes dominantes, sendo que, o que era abordado não contribuía para inserção do aluno na realidade. Era através do livro que se direcionava o pensamento: abrir o livro, na página tal, ler, resumir e responder o questionário.

Essa maneira de "ensinar" se difundiu e deixou resquícios que podem ser evidenciados até os dias atuais. Mudar essa realidade requer muito estudo e preparo do professor para sair do padrão estipulado nos livros didáticos que, muitas vezes, apresentam realidades diferenciadas do lugar onde os alunos vivem.

Utilizando-se do pensamento Castrogiovanni (2007) evidencia-se que:

> Para que esta mudança ocorra os professores e a instituição da escola, na sua complexidade, devem estar comprometidos com o que chamamos de "fazer sociedade com cidadania". A escola deve provocar o educando para conhecer e conquistar o seu lugar no mundo em uma teia de justiça social. Parece ser simples, mas não é, no mínimo, desafiador, como toda prática pedagógica. (CASTROGIOVANNI, 2007, p. 44)

Se perguntarmos ao nosso educando o que é Geografia? dificilmente ele terá uma visão e resposta onde apareça a compreensão da paisagem natural ou humanizada. O limite é a sala de aula e esta incapacidade de ver o mundo deve-se ao professor que não possibilita a busca de outra visão de mundo, mesmo que sentado num gramando ou mesmo num campo de futebol, num mato, a beira de um riacho. Levar o educando a um novo cenário (Figura 3) faz com que ele veja o mundo, mesmo que pequeno, de outra forma. Ele tem que viver o conteúdo de forma diferenciada. Tirar as "amarrar" da monotonia e faze-lo pensar, criticar e construir.

Figura 3 – Desenvolvimento de aula prática num cenário diferenciado.

Recriando Ambiente

Quando nos tornamos menos interessantes que as novelas da Globo, devemos parar e repensar nossas práticas, ou pelo menos achar uma maneira para que a concorrência seja leal e nivelada.

Momento em que não temos os recursos que a maior emissora de televisão do Brasil tem, devemos ao menos concorrer com a mesma. Tê-la como concorrente ajuda muito na Geografia. Todos os dias os educandos chegam à sala de aula com palavras novas, gírias, e termos indianos os quais são aprendidos na novela "Caminho das Índias" – Como aproveitar tal empolgação dentro das aulas? Simples: uma aula indiana, com tudo que temos direito e condições. As músicas indianas, tecidos que imitam um sare indiano, braceletes e pulseiras, enfeites e pinturas de rosto, etc.

Recriando um ambiente indiano conseguimos conhecer a Índia, sua cultura, seus deuses (a simbologia), o rio Ganges e as palavras mais usadas na novela. Também,

estudamos o outro lado da índia; a pobreza, as desigualdades, a poluição do rio Ganges e o subdesenvolvimento de um país que a televisão não mostra.

Para Freire (1997) o professor que

> " pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo (...) Ensinar, aprender e pesquisar lida com dois momentos: o em que se aprende o conhecimento já existente e o em que se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente" (p.31).

Dança, Teatro e Música

No Brasil, o movimento *hip-hop* foi adotado, sobretudo, pelos jovens negros e pobres de grandes cidades, como forma de discussão e protesto contra o preconceito racial, a miséria e a exclusão. Como movimento cultural, o *hip-hop* tem servido como ferramenta de integração social e mesmo de re-socialização de jovens das periferias no sentido de romper com essa realidade (Wikipédia, 2009).

Na comunidade escolar não poderia ser diferente. Assim, usou-se desta cultura e canalizar de uma forma útil nas aulas de Geografia. Consequentemente, surgiu um grupo de *happers* na escola por conta dos protestos que fazem em suas músicas. Em todas as apresentações o grupo está sempre lá, contribuindo com suas letras e danças por um mundo melhor sem tanta desigualdades sociais.

Assim, como o teatro faz parte de datas marcantes na escola. A demonstração religiosa da páscoa foi transformada num alerta social em relação à mulher, ao negro, a criança e as drogas (Figura 4 e 5). Textos religiosos, pátrios, sociais e culturais são interdisciplinarmente trabalhados construindo textos e peças teatrais.

Figura 4 – Movimento teatral com a encenação de Páscoa (Vida e Paz).

Figura 5 – Movimento teatral com encenação da Paixão de Cristo (Páscoa).

Jornal Televisivo

Partindo da falta de interesse pelas notícias diárias de nosso município, região, país e mundo, foi criado o "Dia da Curiosidade". Neste dia os alunos trazem uma curiosidade ou notícia dos países que estamos estudando. Por Exemplo, quando estudamos a Europa todos trouxeram notícias e curiosidades sobre os países sorteados.

Em frente a um molde de televisão eles devem dizer seu nome e a notícia escolhida. A primeira experiência não foi das melhores, o nervosismo se transformou em risos. A cada mês, a cada novo país os educandos foram se empenhando na busca de novidades, para cada vez mais, aparecerem melhor na televisão, pois a professora filma os mesmos e depois assistem o jornal na televisão (Figura 6). Esta técnica faz com que a timidez seja trabalhada, a dicção seja melhorada e a procura por notícias no rádio, televisão e jornais sejam um hábito na vida dos mesmos.

Figura 6 – Filmagem do "dia da curiosidade", com o Jornal da 8ª Série.

Histórias em Quadrinhos

As Eras Geológicas são um sucesso quando trabalhadas na forma de histórias em quadrinhos de vários tipos, para representar os períodos. Os alunos da 5ª série têm características próprias da idade, onde o desenho e a aventura são formas de linguagem muito clara para eles. Então a representação dos primórdios se transforma em exímias obras de artes no desenho e na pintura.

Assim como, a aventura de entrar em uma máquina do tempo e voltar para a Era Terciária e ter que sobreviver uma semana no ambiente do início da história do homem moderno, no sentido biológico e cultural e do tempo histórico. A imaginação alça asas inimagináveis, onde a aventura de viver o período se torna uma explosão de idéias e tudo isso, ao final se transforma em um livro com o nome dos aventureiros (Figura 7).

Figura 7 – Os aventureiros desenhando sua história em quadrinhos das Eras Geológicas.

Outra forma, de envolver os estudantes do 6º ano (5ª série) foi a construção do vulcão. Eles desenvolvem maquetes dos vulcões com direito a explosão de lavas e o seu entorno (Figura 8).

Figura 8 – Construção de maquete de um vulcão em erupção.

Além disso, as placas tectônicas explicadas a partir de uma torta de bolacha é muito mais divertido e de fácil entendimentos (Figura 9). Outra técnica, e o jogo de memória das eras geológicas (Figura 10), os estudantes se motivam e interagem com os colegas e com a professora mostrando interesse pelo o conteúdo estudo.

Figura 9 – O estudo das placas tectônicas a partir de uma torta de bolacha.

Figura 10 – Jogo de memória com conteúdos geográficos.

Um conteúdo complicado, pela abstração presente na faixa etária do 6º ano, e o sistema solar e todos os processos advindos dele, como os movimentos da Terra e suas consequencias. Isso tudo se transforma nas mãos criativas e habilidosas dos estudantes que com a montagem do sistema solar na sala de aula, puderam entender com muita facilidade este conteúdo (Figuras 11, 12 e 13).

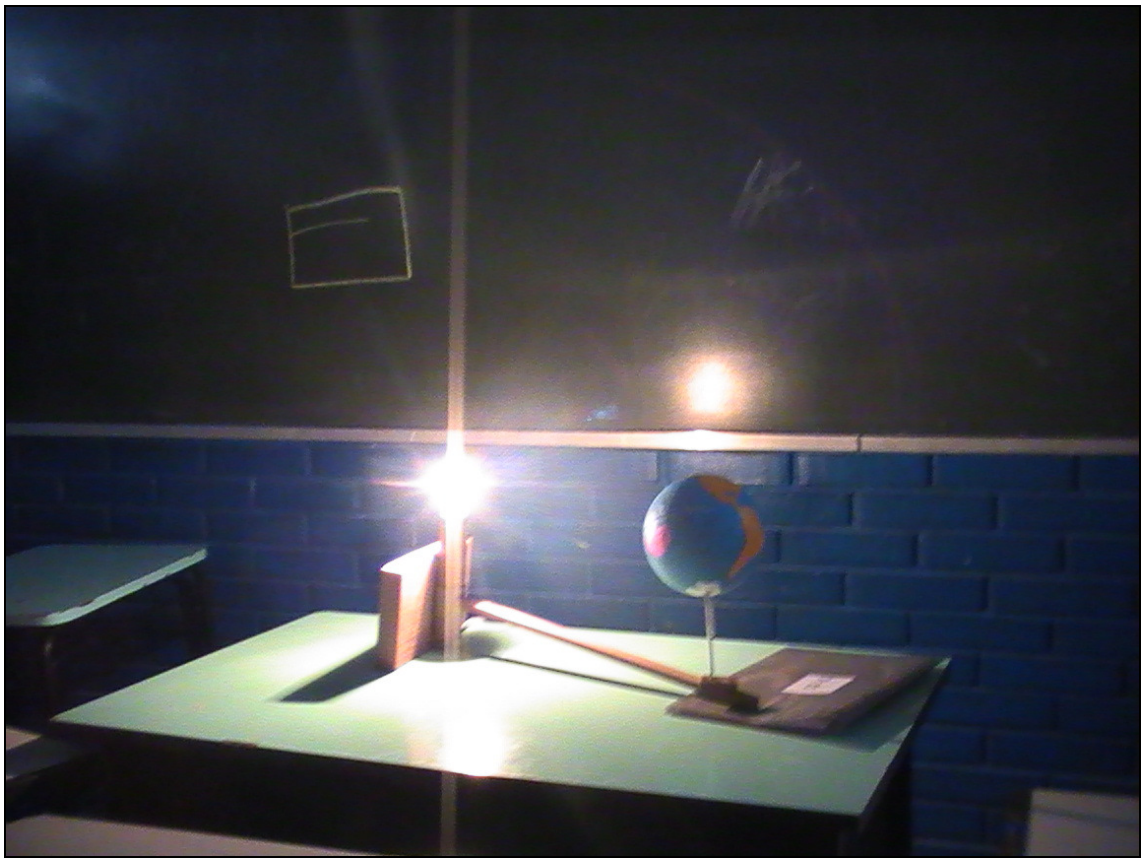

Figura 11 – Representação da incidência do sol sobre o planeta Terra.

Figura 12 – Construção do sol para expor na sala de aula.

Figura 13 – Confecção dos planetas para compor o Sistema Solar.

RESULTADOS CONCLUSIVOS

Não podemos chegar ao final deste trabalho e garantir que todas estas experiências foram um sucesso, que não existiram problemas. É notório que trabalhar com o "diferente" sempre causa impacto, nervosismos, inquietudes, falta de aceitação, falta de materiais, e, principalmente, o preconceito das pessoas em achar que o diferente não é correto, não educa.

A partir dessas inquietudes temos que quebrar com as "amarras" instaladas em anos de história geográfica e provar que tem como ensinar e aprender Geografia sem ser com cadernos cheios de conteúdos ou mesmo vencer o livro didático; e ao final do ano o educando não ter acrescido em sua vida educacional nada além do que o nome da educadora.

A preocupação em ensinar pelo diferente leva um tempo considerável, é um engatinhar de novidades diárias, mas tem que acontecer. Temos que sair do ostracismo da Geografia e ressurgir para a vida. Todas as experiências descritas tiveram pontos positivos e negativos. Com o tempo foram sendo lapidadas de acordo com as turmas trabalhadas. As várias técnicas servem para todas as turmas, mas com o devido nível de execução que exige a formação.

Os professores não podem ter medo do novo, da experiência, do certo ou do errado. Tem que ter sim uma cumplicidade com seus educandos de fazer o novo. A busca de superação faz com que a cada dia a novidade seja como a sede; temos que beber água para matá-la. Assim é a novidade das práticas metodológicas na Geografia. Não consegue se sentir plena se não houver uma novidade a cada aula.

A motivação é a guia mestra para os professores e educandos. E só conseguiremos alcançar nossos objetivos de práticas diferenciadas se tivermos motivados para isso e quanto mais conseguirmos satisfazer as necessidades psicológicas dos nossos educandos, maior será a nossa contribuição no desenvolvimento equilibrado das suas personalidades. Consequentemente, estaremos ajudando na formação de sujeitos atuantes no mundo:

- Com maior auto-estima e auto confiança;
- Mais assertivos;
- Mais empáticos;

- Mais respeitadores;
- Mais honestos;
- Mais motivados;
- Mais criativos;
- Mais empenhados nas diferentes tarefas do dia-a-dia;
- Com maior capacidade de gerir conflitos e situações de stress;
- Com maior capacidade de ajudar os outros, mas sem serem submissos;
- Com maior capacidade de fazerem amizades, mas sem serem dependentes.
- E acima de tudo o amor pela geografia.

BIBLIOGRAFIA

BOVO, Marcos Clair. **Interdisciplinaridade e Transversalidade como Dimensões da Ação Pedagógica**. Quadrimestral, n.7. Disponível em: http://www.urutagua.uem.br. Acessado em julho 2009.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. "Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de geografia na pós-modernidade". IN: REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; KAERCHER, Nestor André. **Geografia**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. 7 ed. 2 imp. São Paulo: ABDR, 2002. (Série Princípios).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia : saberes necessários à prática educativa**. 4.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

LENCIONI, Sandra. **Região e geografia**. São Paulo: Edusp, 1999.

LOPES, Antonia Osima. Aula Expositiva: Superando o Tradicional. In: PASSOS, Ilma; VEIGA, Alencastro (org.). **Técnicas de ensino: por que não?.** 2 ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1993. (Coleção magistério: Formação e trabalho pedagógico).

MELO. Alessandro de; URBANETZ. S. Terezinha. **Fundamentos de didática**. Curitiba: Ibpex, 2008.

PARÁ. Secretaria Executiva de Estado de Planejamento, Orçamento e Finanças - SEPOF. **Estatística Municipal:** São Domingos do Araguaia. 2006. Disponível em www.sepof.pa.gov.br/. Acessado em 25/06/2007.

ROCHA, Genylton Odilon Rêgo da. **O papel do professor de geografia na formação de uma sociedade crítica**. Revista Ciência Geográfica. Bauru-IV-(10): maio/agosto, 1998. P. 67-68.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. 6 ed. São Paulo: Edusp, 2004. (Coleção Milton Santos; 2).

STEFANELLO, Ana Clarissa. **Didática e avaliação da aprendizagem no ensino de geografia**. Curitiba: Ibpex, 2008.

VESENTINI, José William. **O que é geografia crítica?**. Disponível em www.geocritica.com.br/geocritica03.htm. Acessado em 17/01/2009.

WIKIPEDIA. **Enciclopédia livre**. Disponível. http://pt.wikipedia.org/. Acessado em julho 2009.